

# Empresários não gostam da abertura

Economia Brasil

ROLF KUNTZ

Metade das empresas líderes do Brasil terá problemas para enfrentar a competição estrangeira, segundo respostas obtidas em pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI). A maioria dos 699 dirigentes consultados considera rápida a abertura comercial (ver quadro), mas só um terço fala em medidas "expressivas" para se adaptar à nova situação. Melhorar o controle de qualidade é a principal providência apontada como necessária na maior parte das respostas. Os planos de investimento em máquinas e instalações praticamente não se alteram.

A concorrência dos produtos importados ainda é fraca, no entanto, segundo 78,4% das avaliações. Isso se explica, segundo a CNI, pelo crescimento moderado das importações em 1990. Os entraves burocráticos foram reduzidos gradualmente e a recessão freou as compras de produtos estrangeiros.

## A ameaça que vem de fora

*Reações das indústrias à concorrência externa*

### Velocidade da abertura Repostas

|          |       |
|----------|-------|
| - rápida | 54,5% |
| - lenta  | 44,3% |

### Capacidade de concorrer

|                    |       |
|--------------------|-------|
| - pouco preparadas | 50,6% |
| - bem preparadas   | 48,3% |

### Mudanças prioritárias

|                                      |
|--------------------------------------|
| - programas de controle de qualidade |
| - racionalizar linhas de produção    |
| - treinar pessoal                    |
| - investir em tecnologia             |

Fonte: CNI

As perguntas foram dirigidas a empresas grandes e médias, líderes de cada setor em faturamento, e as respostas coletadas até o dia 15 de março. De acordo com o controle do capital, 68% das indústrias são nacionais privadas, 14,6%, estrangeiras, 3,6%, estatais, e

13,6%, sem classificação.

A abertura foi considerada muito rápida pelos dirigentes de indústrias mecânicas, de borracha, químicas, têxteis e de material elétrico e de comunicações. São essas, de modo geral, as menos preparadas para competir, de acordo com as respostas de seus dirigentes. No setor elétrico e de comunicações, por exemplo, 77,8% das avaliações indicam a condição de empresas "pouco preparadas". No caso do setor têxtil, respostas desse tipo correspondem a 62,3%. Maior abertura do mercado de informática é defendida pela maior parte dos consultados. Para 65,2% dos consultados, as restrições à importação de bens de informática são um obstáculo "muito importante" à modernização.

As decisões de investir, no entanto, pouco são afetadas pela abertura comercial. Apenas 27,4% apontam "impacto positivo" em suas políticas de investimento. As principais medi-

das de ajuste à nova situação de mercado ficam na área gerencial. São consideradas prioritárias, pela ordem, medidas de controle de qualidade, racionalização da produção, treinamento, ampliação dos investimentos em tecnologia (quase desprezíveis, até hoje), renegociação de preços com fornecedores, compra de máquinas e equipamentos e maior importação de componentes.

Custos portuários e de transportes são os principais obstáculos à exportação apontados pela maioria dos consultados. Uma política de incentivos especiais aparece como terceira grande preocupação, seguida da taxa de câmbio.

Para a maioria das indústrias, o funcionamento do mercado depende principalmente do poder dos fornecedores, do grau de rivalidade entre as empresas e do poder dos compradores. A velocidade de lançamento de novos produtos é, de modo geral, o fator menos importante numa lista de seis.